

APRESENTAÇÃO

O presente número da Debates do NER enfoca – provavelmente pela primeira vez como dossiê temático de revista de ciências sociais no Brasil – o espiritismo kardecista. Fundado no século XIX pelo francês Allan Kardec, o espiritismo difundiu-se para a América Latina em finais daquele século, tendo criado sólidas raízes e referências religiosas no imaginário popular brasileiro – ao contrário de seu lento declínio na pátria de origem. Unindo elementos do racionalismo moderno, do cristianismo e do reencarnacionismo oriental, o espiritismo produziu uma exuberante cultura religiosa, com seus intelectuais, médiuns e trabalhadores, ao praticar o contato ritual com os mortos e a caridade cristã.

Desde seus inícios, o espiritismo propagou-se entre as camadas médias urbanas através de livros e revistas produzidos por uma formidável estrutura editorial. No entanto, a mensagem espírita não se limitou aos pequenos círculos de iniciados. As massas populares urbanas também foram contagiadas pelo fenômeno, sobretudo por sua forte vocação terapêutica e assistencialista. De fato, essa penetração do espiritismo em diferentes classes sociais, ligando-se intimamente aos mundos das letras e da medicina, é uma das marcas precípuas de sua história, tendo se ampliado a partir da atuação do médium Chico Xavier ao longo do século XX. Federações, editoras e centros – assim como um grande número de iniciativas no campo assistencial, como creches e hospitais – delimitaram uma estrutura religiosa complexa e, atualmente, transnacional.

“Codificado” por uma escritura revelada através da mediunidade, o espiritismo não cessou de reinventar-se nos países onde aportou. O contato ritual e imediato com os espíritos (“da luz” ou “das sombras”), com finalidades terapêutico-morais é a manifestação essencial do sagrado nessa religião, cuja dimensão carismática, deslocadora de estruturas estabelecidas, dificilmente poderia ser exagerada. Mesmo a ênfase no transe mediúnico psicográfico, espécie de “posseção culta” pelos espíritos evoluídos e fonte erudita de sua autoridade religiosa, permitia-lhe, desde os começos, criar contrapesos contra a tentação de infalibilidade de suas escrituras e intérpretes. O kardecismo conhecerá, deste modo, uma permanente oscilação entre polaridades, experiência ou escritura, revelação ou razão, religião ou ciência, autoridade do escrito versus autoridade do médium, oscilações positivas, que desempenharam importante papel em sua

capacidade de resistência e reinvenção. Um complexo, dinâmico e nem sempre reconhecido sincretismo permitiu-lhe absorver e/ou recusar, de acordo com conjunturas particulares e campos de possibilidades altamente específicos, elementos populares (religiões africanas e indígenas) e eruditos (o catolicismo identitário, intolerante e interiorizante da romanização, seu “adversário cúmplice”, nas palavras de Célia Arribas), assim como, atualmente, assiste-se ao surgimento de afinidades e simpatias com o orientalismo da Nova Era e com o budismo tibetano.

No entanto, foi apenas a partir dos anos 60 que as ciências sociais se despertaram para a importância do kardecismo, talvez por ser menos “exótico” que as religiões africanas, menos suntuoso que o mundo católico e demasiado próximo ao mundo familiar endógeno dos estudantes e pesquisadores, por ser a religião da mãe, de alguma tia, de certa prima... Desde os estudos pioneiros de Cândido Procópio de Camargo até as obras seminais de Maria Laura Cavalcanti e Emerson Giumbelli, o espiritismo kardecista era objeto de atenções excepcionais no mundo acadêmico. E, no entanto, não deixou de avolumar-se em importância demográfica: pequeno em números absolutos, mas eloqüente em crescimento nos últimos censos, ao contrário da notável retração da umbanda e do catolicismo. Tudo se passa como se o pentecostalismo e o espiritismo kardecista tivessem se fortalecido por fornecer identidades religiosas fortes aos seus membros, algo que a velha cultura católica brasileira já não era capaz de fazer, dada a inatualidade de suas carcomidas estratégias de proselitismo, em que avultava a apologia sincrética de um mundo hierárquico e relacional, agora em profunda instabilização na América Latina. Ademais, pentecostalismo e espiritismo convergem também no fato de que suas respectivas culturas nutrem-se de uma vertente individualista de alto dinamismo, notável em sua capacidade de estabelecer atravessamentos e articulações entre nichos culturais separados: seja do pentecostalismo com a magia da umbanda e com a não menos eficaz magia capitalista da auto-ajuda, seja do espiritismo com a nebulosa esotérica da Nova Era. E, último mas não menos importante, salta aos olhos o recente aporte discursivo de cientistas de renome internacional oriundos da nebulosa cosmológica da complexidade, como no caso do novo ícone espírita, o físico teórico indiano Amit Goswami.

Esse avivamento intelectual do interesse pelo espiritismo – fenômeno não apenas brasileiro, mas internacional – reflete-se nos diferentes artigos

selecionados para a publicação em Debates do NER, onde predomina um interesse histórico pelo kardecismo, dada a relativa abundância de fontes escritas ainda pouco exploradas: jornais espíritas e não-espíritas, documentos, livros, cartas, livros de atas de centros espíritas e federações, pastorais católicas anti-espíritas, processos judiciais, testemunhos, etc.

O artigo de Célia da Graça Arribas, discute a complexa conjunção – que freqüentemente resultou em sincretismos, mais ou menos (in)visíveis – entre os adversários espírita e católico em fins do século XIX. Como já havia salientado Emerson Giumbelli, ainda que com um foco diverso, Célia mostra como, às vésperas da instauração da República, o campo religioso brasileiro redefinía-se com o surgimento de novos atores e conflitos, como os que opuseram kardecistas e católicos romanizados.

Sinuê Miguel, desloca a lupa histórica para examinar, com interessantes resultados, o complexo diálogo que o espiritismo trava com a era Vargas. Ele mostra, através da análise de periódicos espíritas – as sutilezas e reinterpretações desse processo de adaptação e negociação do espiritismo às novas e difíceis conjunturas históricas, especialmente marcadas pelo flerte com o nacionalismo, o autoritarismo e o fascismo europeu.

A seguir, o antropólogo argentino Gustavo Ludueña, explora as particularidades do enraizamento e as metamorfoses sofridas por um grupo kardecista em seu país, com especial vocação política e popular, cujas dinâmicas de governo e militância marcam nuances próprias em relação à tradição assistencialista e federativa do kardecismo brasileiro, mais próximo de um ethos hierárquico católico.

Roberta Scotton, adentrando no caminho aberto por Giumbelli, mostra como, no início do século XX, o espiritismo foi objeto de intensa disputa no âmbito psiquiátrico, através dos temas da histeria (chave-mestra de interpretação do transe religioso na época) e da acusação de origem de loucura. Tempos depois, o papel inquisitorial da medicina foi revertido pelos médicos espíritas, sendo atualmente alvo de intenso investimento, quando a medicina espírita passa ao papel de vanguarda intelectual do movimento espírita, através das Associações Médicas Espíritas, tema do artigo de Roger Soares.

Finalmente, a antropóloga Sandra Stoll, analisa uma influente e popular literatura de testemunho de espíritos que enviam cartas através de médiuns